**PROJETO DE LEI Nº 103 /2018**

Denomina Olga de Assis Souza o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), situado na Praça Presidente Castelo Branco, bairro Santos Dumont, nesta cidade.

A Câmara Municipal de Pará de Minas aprova a seguinte lei:

Art. 1º - Fica denominado Olga de Assis Souza o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), situado na Praça Presidente Castelo Branco, bairro Santos Dumont, nesta cidade.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Pará de Minas, 11 de junho de 2018.

Vereador Antônio Carlos dos Santos

Câmara Municipal de Pará de Minas - MG
PROTOCOLO GERAL 1137
Data: 03/07/2018 Horário: 11:00
Legislativo -

Dona Olga de Assis Souza- Biografia

Olga Assis Souza nasceu na cidade de Gouveia(MG) em 28 de julho de 1922.
Filha de Antônio de Almeida Assis e de dona Floriza Hermógenes Alves, veio para Pará de Minas quando tinha apenas nove anos de idade, adotando-a como sua segunda cidade natal.

Estudou no Grupo Escolar Torquato de Almeida, onde se formou "com distinção" na quarta série. Aprendeu a trabalhar bem cedo, ajudando sua mãe e os irmãos na tinturaria da família, na rua Major Fidélis, n°60, onde moravam.

Com o pai Antônio Assis, industrial, empresário e músico, aprendeu a técnica de tintura em tecidos, a seriedade em levar a vida e o gosto pela música. Da mãe Floriza, herdou o dinamismo, a vontade de vencer, o gosto pela vida e o eterno bom humor. De ambos herdou a humildade, o espírito solidário e humano, o amor ao próximo e o permanente desejo de servir ao próximo e os menos favorecidos.

Passou a infância e a juventude na rua Major Fidélis, onde sempre residiu, trabalhando, mas também se divertindo, considerando que seu pai, o maestro Antônio Assis, comandava os ensaios da banda de música "Lira Santa Cecilia", fundada por ele, na porta da casa. Os ensaios semanais, eram assistidos por muitas pessoas e os jovens, principalmente, aproveitavam para fazer dos ensaios um local bastante divertido.

Aos dezenove anos casou-se com o fazendeiro Vicente de Paula Souza, com quem teve treze filhos.

Após casar-se foi viver na fazenda da sogra, na região conhecida como Matinha, hoje quase um bairro de Pará de Minas. Nesta fazenda viveu aproximadamente durante sete anos. Mesmo com a mudança de costumes, habituou-se rapidamente à vida no campo, ocupando o tempo nos afazeres domésticos e na criação dos filhos, aproveitando para produzir mudas frutíferas, formando o pomar de sua fazenda, para onde se mudou tão logo a sede ficou pronta.

Ávida de conhecimentos, lia muito, procurando saber, a cada dia, sobre bichos, plantas, a natureza, a educação dos filhos etc.

Sempre foi muito querida na região da Matinha, repassando aos vizinhos e ao povo simples do lugar tudo que aprendia, tratando a todos com atenção e carinho, amizade, dedicação e respeito. Sempre foi muito querida pelos familiares e pelos amigos de seus filhos e, não raro, a casa estava cheia de crianças e adolescentes que iam passar as férias escolares ou finais de semana, sendo que certa vez nada menos do que trinta e cinco crianças lá estiveram de uma só vez.

Era enérgica quando precisava, mas também era doce e amorosa, construindo brinquedos e inventando atividades para distrair a garotada. Seu marido Vicente, costumava dizer que ela era também uma criança no meio das outras, tamanha era a alegria e a sua participação nos folguedos.

Devido à dificuldade de acesso à escola, dona Olga tomou para si a responsabilidade da alfabetização dos filhos, seguindo rigorosamente o programa escolar. Todos os dias, após o almoço, ela dava aulas para eles. No final do ano, ela os trazia a uma escola pública para se submeterem às provas, sendo que todos demonstravam estar além dos conhecimentos dos alunos frequentes.

Em 1956 mudou-se para a cidade pois a família havia crescido e os filhos maiores precisavam frequentar o colégio. Agora, suas atividades na roça estavam limitadas ao período de férias, que aproveitava para visitar os vizinhos e as famílias dos trabalhadores e dos agregados da fazenda.

Na cidade passou a dedicar-se aos trabalhos manuais: bordados(era exímia bordadeira); crochê e costura. Aprendeu a lidar com pincéis, passando a pintar belos quadros, vitrais e tecidos, chegando inclusive a dar aulas práticas de silk-screen. Era também uma exímia cozinheira, de saboroso tempero. Tudo o que aprendeu e praticou fez questão de repassar a dezenas de pessoas, seja nas artes manuais ou nas artes culinárias.

Seu passatempo favorito era a leitura, gostava de resolver palavras cruzadas, cuidar do jardim e do pomar de sua casa na rua João do Neto.

Suas atividades eram intensas, mas reservava sempre tempo para ajudar os menos favorecidos. Tecia sapatos de lã para os idosos da Cidade Ozanan, aproveitava retalhos para fazer colchas, roupinhas e enxovais para recém-nascidos de famílias carentes. Nas proximidades do inverno tinha sempre estocadas peças de roupas de flanela que distribuía aos necessitados que rogavam por este benefício na porta de sua casa. Não se tem notícia de nenhum carente que não tenha deixado de ser agraciado por dona Olga. Muitas vezes, através do Centro Espírita, recebia dezenas de peças de roupas já cortadas, que ela armava e devolvia para serem distribuídas.

Dona Olga fazia tudo isto sem nenhum alarde.

Cada pedinte que batia em sua porta, era recebido com um sorriso, uma palavra amiga, um gole de café, e ganhava uma ajuda material.

Tinha ela especial preocupação com os hansenianos, que na época eram bastantes numerosos, perambulando pelas ruas da cidade. Dona Olga conversava com eles, aconselhava as mulheres e dava-lhes principalmente atenção e calor humano, elevando-lhes a autoestima, numa época de severo preconceito contra os portadores de lepra.

Periodicamente enviava à cadeia pública boa parte do acervo de sua biblioteca particular, preocupada com o tempo ocioso dos presos, contribuindo para a recuperação dos mesmos através de boa leitura.

Sua bondade e gentileza não era exclusiva dos mais necessitados. Todos que conheciam a sua sabedoria a procuravam em busca de conselhos e esclarecimentos. Neste quesito era procurada por pessoas de todas as idades: crianças, adolescentes, jovens, casais e contemporâneos dela. Tinha a confiança da criançada. Quando algum pequeno da vizinhança se machucava, corria até ela, em busca de alguma mezinha, antes de ir para casa.

Para a vizinhança, dona Olga era psicóloga, a enfermeira, a professora. A porta da casa na rua João do Neto estava sempre aberta a todos. Vizinhos acometidos de algum mal e acamados, necessitados de tomar injeções, tinham nela a enfermeira pontual, mesmo durante as madrugadas. Ela acertava o relógio e em companhia de um filho ia até a casa do necessitado aplicar a injeção.

Fato curioso, é que muitas senhoras recatadas, de sua amizade, ao pressentirem a proximidade da morte, recomendavam aos parentes que gostariam de serem preparadas para o sepultamento pela estimada dona Olga. Nesta hora, além de "agente funerária", ela se transformava também em psicóloga, confortando os familiares.

Dona Olga Assis de Souza praticou o cristianismo em sua essência. Viveu para sua família e para fazer o bem ao próximo. Educou os filhos com desvelo, ensinando-lhes o caminho do amor e da solidariedade ao ser humano.

Dona Olga faleceu em 22 de julho de 2006, deixando uma lacuna na sociedade Pará-minense.

( Pela filha Olga Maria de Assis de Souza)